

A CONSTRUÇÃO CRÍTICA CULTURAL DO GRUPO PET INCLUSÃO: IMPACTOS DA TRILHA ARTÍSTICO-CULTURAL NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

SILVA, J. C. R.¹; PORTILHO, E.²

¹ Grupo PET Inclusão e Oportunidade na Vida Acadêmica de Jovens de Origem Popular, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, Campus Seropédica, email: petinclusão@gmail.com

² Tutora do Grupo PET Inclusão e Oportunidade na Vida Acadêmica de Jovens de Origem Popular, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, Campus Seropédica.

Resumo: O presente trabalho investiga as interseccionalidades culturais e territoriais do grupo PET Inclusão e Oportunidades, da Baixada Fluminense, em relação ao acesso aos espaços culturais do Centro do Rio de Janeiro. A pesquisa analisa visitas a locais como o Museu de Arte do Rio (MAR) e o Cristo Redentor, destacando as desigualdades culturais entre as realidades da Baixada e o acesso aos polos culturais centrais. O objetivo é promover uma formação crítica e participativa, integrando as memórias da Baixada ao contexto do território universitário. Espera-se fortalecer a identidade cultural do grupo e promover a inclusão de sujeitos historicamente marginalizados.

Palavras-chaves: Crítica; Cultural; Formação.

THE CRITICAL CONSTRUCTION OF PET INCLUSÃO GROUP: IMPACTS OF THE ARTISTIC-CULTURAL TRAIL IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO

Abstract: This article investigates the cultural and territorial intersections of the group PET Inclusão e Oportunidades, from Baixada Fluminense, in relation to access to cultural spaces in downtown Rio de Janeiro. The research analyzes visits to places such as the Museu de Arte do Rio (MAR) and the Christ the Redeemer statue, highlighting cultural inequalities between the realities of Baixada and the central cultural hubs. The goal is to promote a critical and participatory education, integrating Baixada's memories into the university context. The aim is to strengthen the group's cultural identity and promote the inclusion of historically marginalized individuals.

Keywords: Critique; Culture; Education.

1. INTRODUÇÃO

As interseccionalidades que permeiam o grupo do Programa de Educação Tutorial (PET) Inclusão e Oportunidade na Vida Acadêmica de Alunos de Origem Popular são analisadas a partir da posição territorial da Baixada Fluminense – região historicamente

carente de acesso à cultura – e da fragilização dos sujeitos que não se reconhecem na produção cultural ou nos espaços que concentram o capital cultural. Nesse contexto, a centralidade cultural do Centro da cidade do Rio de Janeiro assume papel¹ determinante ao que tange o valor da cultura. Na qual

"a cultura ocupa um lugar central no mundo contemporâneo. Essa centralidade é decorrente de uma verdadeira revolução cultural ocorrida no século XX, resultado da enorme expansão das atividades, instituições e práticas culturais e da função sem precedentes que passa a exercer nos processos de desenvolvimento e na alocação de recursos econômicos e materiais. A cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou o conjunto dos processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social. A cultura passa a ser entendida não apenas como campo de expressão simbólica e construção coletiva, mas também como direito e vetor de desenvolvimento" (Vicente, 2020, p. 217).

Uma vez que, afirma Fernandes (1988, p. 125)

"a cultura não é, de facto, algo que se junte à vida social como lhe sendo externo e supérfluo. Aparece, antes, como a condição da própria existência humana, no que ela tem de mais característico, pois é pela cultura que aquela existência adquire a sua verdadeira significação e o sentido do seu próprio destino."

Conforme afirmado por Hooks (2021, p. 34), a “nossa visão do amanhã é mais vigorosa quando emerge das circunstâncias concretas de mudança que vivenciamos agora”, enfatizando a importância da compreensão crítica da cultura, condições presentes e suas interseções. A atividade formativa e artístico-cultural realizada em 5 de Novembro de 2024 consistiu em um circuito cultural pelos principais pontos do Centro do Rio de Janeiro, contemplando visitas a espaços como o Museu de Arte do Rio (MAR), o Cristo Redentor e o Museu do Amanhã.

Tais espaços, que apresentam elevado grau de visitação – predominantemente por turistas – revelam-se, por vezes, alheios à realidade dos sujeitos oriundos da Baixada Fluminense, região metropolitana marcada pela pobreza e violência. Entretanto, o acesso a esses polos culturais contribuiu para o fortalecimento da identidade do grupo, evidenciando

¹ “O direito ao acesso à cultura, ao esporte e ao lazer são meios de complementar a formação dos estudantes” (Ribeiro, 2006, p. 121) e da população cívica. Sendo o primeiro fator que nos concretiza enquanto sociedade humana.

as múltiplas contraposições entre realidades diversas. Franco (2017, p. 157) afirma, ao citar Freire, que

"pressupunha-se a educação como uma forma de encaminhar os educandos à cultura letrada da elite e Paulo Freire recoloca esta situação, no sentido de alertar que a educação tem por finalidade a humanização do próprio homem e deve ser um instrumento que permite ao educando ressignificar sua humanidade, redescobrir seu lugar no mundo, amalgamar-se com sua cultura, dela se fazer um elemento e transformar essa cultura à medida que a apreende e se transforma como elemento da cultura."

A consolidação dessa identidade – a possibilidade de ressignificar e se ver na integralidade da cultura – transforma e possibilita o resgate da visão crítica autônoma dos sujeitos², especialmente daqueles que, enquanto moradores de áreas marginalizadas³, encontram-se em contraste com zonas culturais estruturadas, marcadas por atrativos e apelos estéticos voltados ao público que detém maior capital cultural. Assim, a capacidade de abordar questões complexas só será possível a partir de uma pedagogia crítica e dialógica entre os sujeitos. Nesta perspectiva crítica, afirma Franco (2017, p.160), “estão abrigadas propostas pedagógicas que orientam ações educativas que devem contribuir para a formação crítica dos sujeitos através de processos reflexivos de discussão, compreensão e ação transformadora das relações sociais de dominação”. A criação de espaços culturais distanciados da população acarreta a desumanização dos sujeitos, os quais, ao serem desvalorizadas suas culturas acabam afastados do processo cívico de produção e acesso à arte. Por outro lado, o esforço para acessar zonas culturalmente ricas pode evidenciar um distanciamento da identidade territorial, configurando um cenário em que a cultura se apresenta como algo externo aos contextos de inserção dos sujeitos – realidade que se aplica também ao grupo “PET Inclusão”.

2. METODOLOGIA

² “[...] a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado” (Adorno, 1995, p.64), é esta a possibilidade verdadeiramente democrática da participação e acesso à cultura. Não só lazer, mas um ato político de afirmação dos diversos espaços.

³ MARINHO (2010, p. 2) afirma que "na política cultural atual, os Pontos (de cultura) estão relacionados a mecanismos de identificação e aceitação. Geograficamente estão inseridos em determinado lugar, base da vivência afetiva do cotidiano, espaço onde a existência humana se realiza em sua dinâmica de criação e recriação, construção e desconstrução. Por outro lado, também é espaço de conflitos e relações de poder, portanto, de embates territoriais."

A reflexão apresentada tem por base a análise da visita formativa realizada no Centro da cidade do Rio de Janeiro. O objetivo central consistiu em examinar os contextos culturais e incentivar o olhar crítico⁴, reforçando o caráter de identidade territorial dos sujeitos oriundos da Baixada Fluminense sobre a desigualdade cultural. Lahire (2008, p. 2) afirma que

"a questão da desigualdade é, por isso, claramente indissociável da questão da crença da legitimidade de um bem, de um saber ou de uma prática, ou seja, indissociável do que poderíamos designar o seu grau de desejabilidade coletiva. De facto, o que traça a distinção entre a diferença social e a desigualdade social de acesso a toda uma série de bens, práticas, saberes, instituições, etc."

Como relatou Lahire (2008), a desigualdade estabelece uma relação de legitimidade do saber (conhecimento), bem (material ou moral) e da prática (de acesso, uso, meios e recursos). A atividade, com duração integral, contemplou a exploração de diversos espaços culturais, dentre os quais destacam-se o Cristo Redentor, o Museu de Arte Moderna e o Museu do Amanhã. Nessas localidades, foram observadas diversas manifestações de materialização cultural – como quadros, pinturas e estátuas – que evidenciaram tanto a pluralidade quanto a especificidade da produção artística. O desconforto sentido pelos participantes, ao constatar que tais espaços permanecem alheios à sua realidade em uma relação de dominância, evidenciou a existência de uma dualidade entre o ambiente cultural frequentado por turistas e aquele que poderia representar sua própria identidade. Almeida (2007, p. 48) afirma que “a dominância ou, num outro vocabulário, a hegemonia de um sistema simbólico sobre outro é arbitrária, isto é, trata-se de uma construção social, dependente do resultado das lutas entre os grupos a que estão vinculados.” Ou seja, esta relação – desconforto – é subjacente da relação de sermos obrigados a buscar cultura fora dos espaços que nos é familiar. E é esta a “luta simbólica – neste caso, o acesso a cultura –: aquela na qual se confrontam indivíduos e grupos de indivíduos pela imposição do princípio de compreensão e ordenamento do mundo que lhes é mais favorável (pelo simples fato de ser o seu próprio)”, afirma Almeida (2007, p.48).

⁴ “Considerando o estudo das práticas culturais nas favelas, o que se verifica é que a produção artística, instrumentalizada, pode atender a três facetas principais. Em primeiro lugar, há os aspectos relacionados à elevação da auto-estima, auto-reconhecimento e construção de uma nova representação do indivíduo perante o outro e o grupo. Em segundo, realçam-se aspectos relacionados às formas de sociabilidade e convivência intergrupala. E, por fim, são fundamentais nesse processo os aspectos ligados à participação e mobilização comunitária, mediante novas formas de ação coletiva e ampliação dos direitos da cidadania” (Libânio, 2014, p. 9).



A análise dos espaços visitados, da forma como são acessados e da experiência individual e coletiva na interação com as manifestações culturais, que fundamentou a construção da reflexão interpretativa que abrange tanto percepções pessoais quanto uma identidade coletiva emergente que se vê apartada de qualquer memória ou sentimento de pertença com os lugares visitados. Sendo assim, Junior e Oliveira (2018, p. 8) afirmam que

“constata-se que a memória é o mecanismo responsável por proporcionar no indivíduo ou grupo um sentimento de pertencimento, bem como ressignificar, dependendo do contexto, os fatos e acontecimentos do passado. Uma vez que a memória não configura um processo de reconstituição ou resgate, mas sim, uma reconstrução do presente para o passado.”

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A percepção dos espaços culturais, ao ser contrastada com a realidade vivida na Baixada Fluminense e com as referências institucionais, como as promovidas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), contribuiu significativamente para a consolidação de uma visão crítica por parte do grupo. A atividade gerou o contato com a realidade, acionando a racionalidade e a sensibilidade dos participantes. De acordo com Dayrell (1996, p. 141):

"nenhum indivíduo nasce homem (espécie humana), mas constitui-se e se produz como tal, dentro do projeto de humanidade do seu grupo social, num processo contínuo de passagem da natureza para a cultura, ou seja, cada indivíduo, ao nascer, vai sendo construído e vai se construindo enquanto ser humano".

Este processo impactou a formação de sujeitos mais autônomos, capazes de compreender e reconfigurar a realidade territorial em que estão inseridos⁵, construindo o senso crítico de forma dialógica entre a experiência concreta do território e a crítica teórica no campo abstrato.

⁵ Vicente (2020, p. 221) afirma que "o centro das cidades não é apenas um lugar – há muito já não coincide com a centralidade geográfica, é uma construção, uma operação que mobiliza recursos financeiros e simbólicos, novas tecnologias, ações do poder público e imensa especulação do capital privado. As periferias são muitas e se espalham por todas as direções. Aparentemente, seu único vínculo é o centro que as une, na forma de um espelho, em locais de trabalho, estudo, diversão e acesso à 'civilização'".

Ao se desassociar do valor intrínseco atribuído à crítica artístico-cultural dos espaços que concentram o capital cultural, o acesso e a revelação desses ambientes promovem a abertura de caminhos para que futuros sujeitos possam reivindicar sua participação em ambientes culturais historicamente distantes de sua vivência cotidiana e, quiçá, nos seus próprios territórios. Pois, é no “nível do grupo social, onde os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria” (Dayrell, 1996, p 142).

Ademais, onde "o desafio de construir políticas de cultura em um ambiente democrático não é enfrentado de qualquer modo, mas através do acionamento da sociedade civil e dos agentes culturais" (RUBIM, 2007, p. 133).

4. CONCLUSÕES

A construção da identidade do grupo, por meio do acesso a realidades culturais diversas, configura um processo de autonomia⁶ que se refletirá em futuras atividades, pesquisas e produções acadêmicas. Ademais, a integração efetiva do grupo, evidenciada ao longo da visita formativa, impactou significativamente na construção do conhecimento e das facetas da cultura humana.

Assim, o grupo avança na direção de desenvolver uma visão crítica capaz de questionar e transformar os espaços culturalmente privilegiados, promovendo a inclusão e a participação ativa dos sujeitos no acesso à produção artística e cultural.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Maria F. A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil? In: CATANI, Afrânio Mendes; OLIVEIRA, João Ferreira de (Orgs.). Sociologia da educação: pesquisa e realidade brasileira. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 44-60. Disponível em: <https://doceru.com/doc/x00vxe1s>. Acesso em: 1 mar. 2025.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez Tarcísio (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG,

⁶ Vicente (2020, p. 227) nos afirmar que “a emergência de novos agentes culturais, artistas e coletivos introduz neste cenário sociocultural um componente de negociação e disputa de significados e também de recursos e espaços, ainda que sobremaneira marcado pela desigualdade social”. O movimento inicial que caracteriza uma nova era da participação das massas em pólos culturais distanciados territorialmente.

1996. p. 136-155. Disponível em:

<https://ensinosociologia.milharal.org/files/2010/09/Dayrell-1996-Escola-esp%C3%A7o-socio-cultural.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

FERNANDES, Antônio Teixeira. Para uma sociologia da cultura. Porto: Edições Afrontamento, 2000. Cap. 1: A mudança cultural na sociedade moderna. p. 13.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Da necessidade/atualidade da pedagogia crítica: contributos de Paulo Freire. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 2, p. 152-170, maio/ago. 2017. Disponível em: . Acesso em: 25 fev. 2025.

HOOKS, B. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAHIRE, Bernard. Diferenças ou desigualdades: que condições socio-históricas para a produção de capital cultural? Trad. Sofia Lai Amândio. Forum Sociológico, Lisboa, n. 18, p. 79-85, jun. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologico/287>. Acesso em: 28 fev. 2025. DOI: <https://doi.org/10.4000/sociologico.287>.

LIBÂNIO, Clarice de Assis. Política cultural e acesso à cidade. In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS CULTURAIS, 7 a 9 maio 2014, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos [...]. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014. Disponível em: <https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/11954>. Acesso em: 1 mar. 2025.

MARINHO, Alba Lúcia da Silva. Pontos de Cultura: Pontos para a cidadania e suas territorialidades? Comunicação apresentada ao Seminário Internacional de Políticas Culturais, 1., 2010, Rio de Janeiro. Disponível em: . Acesso em: 1 mar. 2025.

RIBEIRO, Márcia Carla Pereira. Educação e cultura: direito ou contrato? Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 2, n. 2, p. 117-138, jul.-dez. 2006.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais e sociedade do conhecimento no Brasil. RIPS. Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas, Santiago de Compostela, v. 7, n. 1, p. 127-142, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38070109>. Acesso em: 27 fev. 2025.

SILVA JUNIOR, Josemar Elias da; OLIVEIRA, Ana Lúcia Tavares de. Patrimônio cultural, identidade e memória social: suas interfaces com a sociedade. Ciência da Informação em Revista, Maceió, v. 5, n. 1, p. 3-10, 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/3775>. Acesso em: 26 fev. 2025. DOI: <https://doi.org/10.28998/cirev.%y53-10>.

VICENTE, Wilq. Cultura e cidade: centros e periferias em perspectiva. Políticas Culturais em Revista, Salvador, v. 13, n. 2, p. 215-237, jul./dez. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/36661>. Acesso em: 26 fev. 2025.

DOI: <https://doi.org/10.9771/pcr.v13i2.36661>.